

DOSSIÊ

O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)*

Beatriz Cristine Honrado**

Universidade de São Paulo

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i2p666-691

resumo

A *História Regum Britanniae*, escrita pelo monge Geoffrey de Monmouth no século XII, foi uma obra altamente popular na Idade Média. Até os dias de hoje há um questionamento se os acontecimentos narrados por Geoffrey são reais ou não, e para além disso, se a *Historia Regum Britanniae* pode ser considerada um trabalho historiográfico. No presente artigo, fazemos uso da história conceitual para entender o que Geoffrey entendia pelo conceito de “história”, e, com isso, verificar até que ponto a classificação da *Historia Regum Britanniae* como pseudo-história está fincada em significados modernos do termo, que não fazem jus às suas significações medievais.

PALAVRAS-CHAVES: História; Geoffrey de Monmouth; *Historia Regum Britanniae*; dinastia; História Conceitual.

* Agradeço à minha orientadora pelo constante apoio, aos membros do LATHIMM-USP pelo ambiente acolhedor e a Carlos Eduardo Sant’Anna, Filipe Figueiredo, Júlia Ramos e Kaio Brandão pelas trocas e leituras atentas.

** Possui graduação em Comunicação Social Com Habilitação em Editoração pela Universidade de São Paulo (2019). Aluna da graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). Pesquisadora do Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM/USP), com foco no estudo de manuscritos e relações com mulheres comitentes da realeza medieval inglesa. Atualmente desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado: "Eleanor de Castela e a circulação de manuscritos iluminados entre Inglaterra e Castela: uma análise comparativa entre a *Chronica Majora* e a *Estoria de Espanna*", com financiamento da FAPESP sob orientação da professora Maria Cristina Pereira.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

Introdução

A *Historia Regum Britanniae* (HRB) de Geoffrey de Monmouth foi finalizada em 1138 e ainda causa debates e levanta questionamentos. A *Historia* chega até os dias de hoje em mais de 200 manuscritos, muitos deles datados do próprio século XII, o que atesta a grande popularidade da obra durante o período medieval (CRICK, 1989). Alguns pesquisadores não consideram a *Historia Regum Britanniae* uma escrita histórica, mas, sim, um romance (GRANSDEN, 1975, p. 202), ou até mesmo uma “pseudo-história vestida com trajes de história” (CRICK, 1991, p. 196).

Com base na história conceitual procuramos contrapor essas considerações. Acreditamos que a classificação da obra enquanto um “romance” ou enquanto uma “pseudo-história” é resultado da imputação do conceito moderno de “história” ao século XII. Contudo, como mostra Javier Fernández Sebastián: “não existem ideias atemporais, nem significados perenes”, sendo inútil, assim, “procurar significados ‘autênticos’ inerentes a certos textos e a certos fatos, independentemente dos atores, observadores, ou intérpretes que, em cada momento, lugar e circunstância lhes dão sentido” (FERNANDÉZ SEBASTIÁN, 2023, p. 57). Portanto, não existe um conceito atemporal de “história” e não podemos exigir de uma narrativa histórica do século XII o cumprimento com critérios e metodologias atuais. Mais importante, para o presente artigo, é visualizar o que Geoffrey de Monmouth, com base em seus próprios termos e referenciais, entendia por “história” e verificar o quão de acordo estava essa concepção com o fazer histórico da época.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

Um conceito não é uma palavra qualquer, mas um vocábulo capaz de carregar consigo múltiplos significados e se articular com outros termos de modo a formar redes conceituais mais amplas. A história conceitual, segundo Javier Fernández Sebastián, tem como principal objetivo “elucidar as experiências e expectativas históricas das pessoas do passado, valendo-se dos rastros que tais vivências deixaram na linguagem” (FERNANDÉZ SEBASTIÁN, 2023, p. 55). Com isso, acreditamos que nos debruçar sobre a concepção de “história” na *Historia Regum Britanniae*, fornecerá evidências tanto acerca da forma de produção histórica na Inglaterra medieval, que passava por transformações no século XII. Quanto a respeito da maneira com a qual, a partir da mobilização desse conceito, Geoffrey acrescentou uma nova camada de sentido para sua narrativa e para os usos políticos dela.

Reinhart Koselleck, escrevendo em 1979, diz “falta-nos, ainda hoje uma descrição de todas as transformações filológicas e semânticas por meio das quais a expressão “história” [historie] foi conceitualizada” (KOSELLECK, 2006, p. 42). Com isso, o autor nos lembra que o conceito de “história” não possui uma significação perene ao longo do tempo.

Para além disso, a história conceitual se mostra produtiva para o estudo da tradição historiográfica medieval, pois como apontado por Koselleck, um conceito não é apenas um fenômeno linguístico, mas é também um indicativo de algo que se situa para além da língua (KOSELLECK, 1992, p. 136). Essa capacidade do conceito de ser moldado, assim como moldar a realidade que o cerca está presente no cerne da



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

escrita histórica medieval, que procurava, como veremos, narrar sobre o passado ao mesmo tempo que influencia os eventos do presente.

Para fins do presente artigo, foram utilizadas duas edições, uma em inglês editada por Lewis Thorpe (THORPE, Lewis (ed.). *Geoffrey of Monmouth: The History of the Kings of Britain*. Londres: Penguin Books, 1966.) e outra em Latim editada por Neil Wright (WRIGHT, Neil (ed.). *The Historia Regum Britanniae: bern, burgerbibliothek, ms. 568*. Cambridge: D.S. Brewer). Todas as traduções, tanto do latim quanto do inglês, foram feitas por nós. Nossa tradução para português será priorizada ao longo do artigo, com as traduções em notas, mantendo em latim apenas os títulos.

***Hic de prole tua reges nascentur*¹: a *Historia Regum Britanniae* e a historiografia dinástica**

A produção histórica do século XII inglês era bastante diferente do que atualmente chamamos de “ofício do historiador” (SPIEGEL, 1997, p. xii); tanto nos conteúdos abordados quanto por sua forma, muitas vezes com o viés moralizante, exemplar e didático (KOSELLECK, 1992, p. 42)². Nesse sentido, Odilo Engels aponta que a “história” na Idade Média era tido como um veículo de transmissão de valores pedagógicos, assim como demonstrava uma preocupação com aquilo que merecia ser conhecido como “história” (ENGELS, 2013, p. 64-65). Ou seja, além da noção pedagógica, há também um caráter memorialístico que perpassa os

¹ **Tradução nossa:** Lá, de sua prole nascerão reis.

² O *topos* de que a história é um “cadinho contendo múltiplas experiências alheias, das quais nos aprofundamos com um objetivo pedagógico”, sintetizado pela expressão *historia magistra vitae* (história mestra da vida), remonta à Antiguidade e ainda orientava o fazer historiográfico na Idade Média.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

escritos históricos do século XII. Faz-se necessário ressaltar que neste mesmo século há um rearranjo das cortes dos reis, no qual estas se tornam centros de cultura. Esse movimento fez com que o conceito de “história” fosse adaptado para esse novo público, que não eram mais apenas os clérigos, mas sim abarcava nobres que buscavam entretenimento e edificação e, com isso, a fronteira entre literatura e história ficou ainda mais diminuta (GUENÉE, 2017, p. 585),

Para além disso, Gabrielle Spiegel coloca a escrita histórica medieval como um lugar de confronto entre o ideal e o real, e como algo que age sobre a realidade do cronista, fornecendo legitimidade aos eventos do presente (SPIEGEL, 1975, p. 314-316). Em vista disso, é importante que tenhamos em mente essas forças intelectuais, como o didatismo, a exemplaridade, a memorialística e a legitimidade, que, ainda nas palavras de Spiegel, estavam presentes na historiografia medieval e eram capazes de influenciar não apenas a escrita histórica, como também os eventos em si (SPIEGEL, 1975, p. 316). Entendemos a memória, a partir de Jacques LeGoff, como uma produção escrita ou imagética que é caracterizada por sua função social de comunicar a outrém uma informação, na ausência do acontecimento (LEGOFF, 2013, p. 389). Ademais, vemos também um sentido social da memória – operado através de narrativas como a de Geoffrey de Monmouth – como na qual a sociedade contemporânea da escrita maneja o processo de renovação e reforma do passado, integrando-o em sua identidade presente (GEARY, 2017, p. 192).

Geoffrey de Monmouth foi um clérigo, nascido provavelmente entre 1090 e 1100, na região de Monmouth, no atual País de Gales. Há menção de



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

seu nome em diversos documentos relacionados à Universidade de Oxford, o que indica que ele possuía um alto grau de instrução (TATLOCK, 1950, p. 4). A *Historia Regum Britanniae*, como veremos, se valeu dos escritos de Gildas e Beda para sua composição. Contudo, podemos atestar a influência de outras obras, como a *Historia Brittorum*, de Nennius, na qual há um dos primeiros registros escritos sobre Arthur (SNYDER, 2005, p. 1). Entretanto, a obra de Geoffrey, por fornecer maiores detalhes sobre o personagem é considerada a base para os romances arturianos, como os escritos nos séculos XIV e XV (INGHAM, 2001, p. 3). A narrativa da *Historia Regum Britanniae* é iniciada com uma apresentação ao leitor do que Geoffrey busca ao escrever:

Sempre que tive a oportunidade de pensar sobre a *história* [*hystoriam*] dos reis da Bretanha, nas muitas ocasiões em que estava refletindo sobre esses assuntos, parecia-me uma coisa notável que, além das menções feitas por Gildas e Beda em seus brilhantes livros sobre o tema, não consegui descobrir absolutamente nada sobre os reis que viveram aqui antes da Encarnação de Cristo, nem, na verdade, sobre Artur e todos os outros que vieram depois da Encarnação. Ainda assim, os feitos desses homens foram tais que merecem ser *louvados* por um tempo. Além disso, esses feitos foram *transmitidos* através da tradição oral, como se tivessem sido registrados por escrito, por muitos povos que tinham apenas a memória para se apoiar. (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 51, grifos nossos)³

Este é o primeiro parágrafo da crônica e é significativo que Geoffrey já mobilize o conceito de “história” na primeira frase e, com ele, abarque

³ No latim: *Cum mecum multa et de multis sepius animo reuoluens in hystoriam regum Britannie inciderem, in mirum contuli quod infra mentionem quam de eis Gildas et Beda luculento tractatu fecerant nichil de regibus qui ante incarnationem Christi inhabitauerant, nichil etiam de Arturo ceterisque compluribus qui post incarnationem successerunt repperissem, cum et gesta eorum digna eternitate laudis constarent et a multis populis quasi inscripta iocunde et memoriter predicarent.* WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 1.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

uma rede conceitual que confere sentido ao que ele entende por “história”. Podemos perceber, na tradução para o inglês, o uso dos termos “louvados” e “transmitidos”. No original em latim temos “*eternitate laudis*” como correspondência de “louvados”, mais especificamente “louvados eternamente”⁴. Estes termos explicitam o que Geoffrey entende como “história”, ou seja, a transmissão, de forma escrita, dos feitos louváveis de homens. No latim isto é colocado de forma ainda mais contundente com “*eternitate laudis*”, ou seja, são feitos dignos de reconhecimento eterno, este a ser conferido através da escrita de Geoffrey.

Portanto, como muitas outras concepções de “história” anteriores à modernidade, a “história”, para Geoffrey, pretendia ser *magistra vitae*, ou seja, buscava conferir um “sentido de imortalidade à História como instrução para vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiência” (KOSELLECK, 2006, p. 43). Nos termos do nosso autor, era importante que não fossem perdidos no tempo os feitos louváveis – “uma coleção de exemplos” (KOSELLECK, 2006, p. 43) – de determinados indivíduos e, mais especificamente, dos reis da Bretanha, anteriores e posteriores à Reencarnação de Cristo, temos, portanto, uma retomada da função memorialística que perpassava a produção histórica do século XII.

Temos que ressaltar que a *Historia Regum Britanniae* foi escrita durante um período conturbado da história inglesa medieval. O então

⁴ Enquanto a edição em latim disponível para nós advém do manuscrito de Bern (Bem, Burgerbibliothek, Ms. 568), Lewis Thorpe trabalha com um manuscrito de Cambridge para a elaboração da tradução para o inglês (Cambridge, University Library, Ms. 1706). Devido à indisponibilidade deste segundo em uma edição em latim e não existir um manuscrito autógrafa de Geoffrey, divergências já eram esperadas e os termos de ambas serão analisados no presente artigo.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

regente Henrique I (1100-1135), percebendo a iminência de sua morte sem herdeiros masculinos, ordenou que seus vassalos prestassem juramentos a sua filha, Matilda, como próxima rainha. Porém, com a morte do rei, alguns dos nobres quebraram o juramento, apoiando Stephen, sobrinho do falecido monarca. Estes acontecimentos deram início a uma guerra civil que durou mais de quinze anos, entre 1135 e 1153. Geoffrey finaliza sua crônica em 1138, ou seja, nos anos seguintes à eclosão do conflito, cabe destacar que este ano é tido por Jim Bradbury como o início de fato do conflito, com a repentina declaração do apoio de Robert, duque de Gloucester, ao lado de sua meia-irmã Matilda (BRADBURY, 2005, p. 22). O presente de Geoffrey deixou marcas no interior de sua obra. Na *Historia Regum Britanniae* o conceito de “história” está intimamente ligado ao estabelecimento de uma sucessão de reis, assim como a rememoração de seus feitos, dialogando com o contexto político do autor, quando a sucessão foi colocada em cheque e as lealdades questionadas, fazendo sentido, assim, resgatar no passado as origens daquela dinastia.

A identificação da história da Inglaterra como a história de feitos de reis, segundo Norbert Kersken, era um elemento central da historiografia inglesa daquele período. Era muito presente também a interpretação da história das Ilhas Britânicas, que teriam sido moldadas por diversos povos, bem como a invenção de uma suposta origem Britânica advinda dos troianos a partir de Brutus (KERSKEN, 2003, p. 185).

Esta historiografia insurgente no século XII foi chamada pelos estudiosos como história dinástica. Segundo Charles West, esse tipo de escrita mobilizava lealdades juntamente com visões específicas sobre o



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

passado, possibilitando que, através das relações de parentesco e da forma com que eram narradas as histórias de seus antepassados e familiares, as dinastias se valessem das crônicas para se situarem espacial e temporalmente (WEST, 2012, p. 496). A *Historia Regum Britanniae*, nesse sentido, é um perfeito exemplo de história dinástica.

Ao organizar uma linhagem e uma genealogia para os reis da Inglaterra, Geoffrey de Monmouth estabeleceu uma sucessão sem quebras entre Brutus, Arthur, Anglo-Saxões e a Dinastia Anglo-Normanda, que governava em seu tempo. Essa narrativa sucessória, além de não possuir rupturas, não estabelece distinção entre o que seria real e mitológico.

A inserção de personagens mitológicos e profecias é uma das razões pelas quais a *Historia* de Geoffrey é classificada por alguns estudiosos como Julia Crick como pseudo-história (CRICK, 1991, p. 196). Porém, na conceitualização de Geoffrey de “história”, bem como de outros autores de sua época, não existia uma diferenciação plenamente estabelecida entre narrativa mitológica e narrativa histórica. Para ele, era a inserção dos mitos que fazia determinados eventos e linhagens políticas serem legitimados. Portanto, há uma dupla dependência entre “história” e mito na conceitualização de Geoffrey, onde a “história” dignifica e torna o mito crível, e o mito dignifica e legitima a linhagem, objeto da *Historia*.

Segundo Spiegel, o desenvolvimento da história dinástica é causa e consequência da consciência de si de uma linhagem ou dinastia, usada para legitimar poderes e afirmar o lugar de uma família na vida política (SPIEGEL, 1983, p. 47).



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

É significativo, portanto, o fato de que Geoffrey decide iniciar sua *Historia* com a saída de Brutus de Tróia e sua chegada a Bretanha, passando pela Gália, onde recebe a profecia de Diana que dá título a esta seção. O mito das origens troianas da Bretanha emerge, segundo Ingledeu, como um conceito que expressa uma nova consciência histórica, intimamente associada ao ambiente aristocrático (INGLEDEU, 1994, p. 666). Portanto, podemos associar a conceituação desse mito como parte da rede conceitual daquilo que Geoffrey entende como conceito de “história”.

A “origem bretã” associada a Brutus é um elemento que já existe em textos anteriores, como pode ser visto em Isidoro de Sevilha no século VII (ISIDORO DE SEVILHA, 2004, p. 749), mas que reapareceu na *Historia Regum Britanniae* de forma mais contundente. Brutus é um troiano, exilado após a Guerra de Tróia, que decide se aventurar ao mar. Neste ínterim, na Gália, ele recebe a profecia de Diana de que existiria uma ilha onde seus descendentes seriam reis. Geoffrey, portanto, narra a história do povo bretão a partir de suas origens, com o foco exclusivamente no estabelecimento de uma história monárquica linear.

É importante ressaltar que o conceito de “história” é sempre indissociável de uma determinada noção de tempo. Segundo Hans-Werner Goetz, para os cronistas medievais a mudança histórica se formava a partir de ciclos de ascensões e declínios políticos, crescimento e queda de governantes e de reinos; além disso, a “história” se situa, sempre, dentro de um escopo temporal, e o autor aponta para a proeminência de dois tempos nas narrativas historiográficas do medievo (GOETZ, 2003, p.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

141-148). O primeiro tempo da salvação, no qual a história que se deseja contar é inserida em um *continuum* desde Adão e Eva. Mesmo não iniciando sua narrativa com Adão e Eva, Geoffrey procura inserir os acontecimentos narrados em uma linha cronológica maior: “Este foi o tempo quando *Salomão começou a construção do Templo do Senhor em Jerusalém* e quando a rainha de Sabá veio ouvir sua sabedoria. Aproximadamente ao mesmo tempo, Silvius Epitus, sucedeu seu pai, Alba, no reino de Roma.” (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 80, grifos nossos). Portanto, mesmo tendo como foco principal os acontecimentos da Bretanha, Geoffrey procura sempre ancorar o tempo de sua narrativa com o tempo Bíblico.

A segunda forma de organização temporal - a translação do poder imperial - também está evidente nesse trecho. Esta segunda forma de organização cronológica da narrativa histórica - em latim, *Translatio Imperii* - pode ser entendida como a noção de que o poder advindo do império romano, dos gregos ou troianos teria sido herdado, de forma contínua, por outros povos (GOETZ, 2003, p. 154). O conceito de “história” mobilizado na *Historia Regum Britanniae* abarca a ideia de *Translatio Imperii*, e isto fica evidente quando Geoffrey decide iniciar sua narrativa com a chegada do troiano Brutus a Bretanha, ponto de partida para a linhagem dos reis Bretões. Além disso, a partir do momento que os romanos, uma segunda força imperial antiga, chegam a Bretanha, os acontecimentos narrados são inseridos na cronologia de Roma.

Para além de uma conceituação temporal de “história”, Geoffrey também a conceitua ao estabelecer os temas a serem narrados na *Historia*



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

Regum Britanniae. Essa escolha sobre os assuntos que irão compor sua narrativa, e, principalmente aqueles que ficarão de fora, é postulado pelo próprio cronista:

Não tentei descrever suas outras atividades lá ou sua eventual morte, pois as histórias de Roma explicam esses assuntos. Se eu mesmo o tivesse feito, teria tornado esta obra excessivamente *prolixa* e, ao *revisitar* temas já tratados por outros, teria me desviado do meu *propósito*. (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 99, grifos nossos)⁵

Neste trecho, ao optar por não narrar a circunstância da morte de Brennius, Geoffrey utiliza uma rede conceitual importante para sua definição de história. Para ele, uma “história” não deve ser prolixa e deve evitar o parafraseamento de outras obras. Em especial, vemos que a “história” serve a um propósito: o estabelecimento de uma narrativa focada unicamente no povo bretão e seus reis. Em outro momento, Geoffrey reafirma as motivações da sua narrativa:

Como não tinham esposas, os pictos⁶ pediram aos bretões suas filhas e parentes; mas os bretões recusaram casar suas mulheres com *homens desse tipo*. Após sofrerem essa rejeição, os pictos atravessaram para a Irlanda e casaram-se com mulheres daquele país. Dessas mulheres nasceram filhos, e assim os pictos aumentaram em número. Isso é o suficiente sobre eles, pois *não é meu propósito descrever a história [historiam] dos pictos, nem, de fato, a dos escoceses*, que traçam sua origem tanto deles quanto dos irlandeses. (GEOFFREY DE MONMOUTH, p. 123-124, grifos nossos)⁷

⁵ No original: *Cuius ceteros actus et exitum quia Romane historie declarant nequaquam tractare curavi, [31r] cum nimiam prolixitatem huic operi ingessissem et id quod alii tractauerunt perarans a [proposito] meo diuertissem*. WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 30.

⁶ Os pictos eram os habitantes do leste e norte de onde hoje chamamos de Escócia.

⁷ No original: *Cumque uxores non habentes filias et cognatas Britonum ab illis petuissent, dedignati sunt Britones huiusmodi populo natas suas maritare. At illi ut passi fuerunt repulsam, transfretauerunt in Hyberniam duxeruntque ex patria illa mulieres ex quibus creata sobole multitudinem suam auxerunt. Sed hec hactenus, cum*



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

É interessante notar que em outro momento da narrativa Geoffrey afirma que a Bretanha é ocupada por Normandos, Franceses, Bretões, Saxões, Pictos e Escoceses⁸. Portanto, ao decidir excluir a história dos Pictos e Escoceses de sua conceituação de “história”, o autor está categorizando quem, para ele, seriam os verdadeiros bretões, distinguindo-os de povos que apenas ocupam a terra, sem terem direito àquele território. Também classifica que um povo, em específico, tem o direito de ter seus feitos inseridos na “história” enquanto outros não entrarão na composição do volume.

***Codicem illum in Latinum sermonem transferre curauit*⁹: a legitimidade da “história”**

Isidoro de Sevilha, em suas Etimologias escritas no século VII, conceitua “história” como “a narração dos feitos do passado, por ela se conhecem os acontecimentos que tiveram lugar no passado. O nome deriva do grego, que significa “ver” e “conhecer”” (ISIDORO DE SEVILHA, 2004. p. 348)¹⁰. Apesar do conceito de “história” não possuir um significado fixo através do tempo, é possível visualizar permanências em sua conceituação durante o período medieval, pois vemos alguns sentidos da conceituação proposta por Isidoro para “história” sendo preservados na obra de Geoffrey, apesar do distanciamento temporal. O principal deles é o

non proposuerim tractare historiam eorum siue Scotorum qui ex illis et Hibernensibus [37v] originem duxerunt. WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 45.

⁸ No original: *Postremo quinque inhabitatur populis: Normannis uidelicet atque Britannis, Saxonibus, Pictis et Scotis.* WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 2.

⁹ Tradução nossa: procurei traduzir aquele livro para o idioma latino.

¹⁰ No latim: *Historia est narratio rei gestae, per quam ea, quae in praeterito facta sunt dinscuntur. Dicta autem Graece historia id est a videre vel cognoscere.*



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

estabelecimento de uma rede conceitual na qual “história” é associada a “conhecer”, “clarificar”, “ver”, “explicar”, “escrever” e “traduzir”.

Geoffrey inicia sua narrativa sobre a chegada de Brutus com o seguinte parágrafo:

Por fim, a Bretanha é habitada por cinco raças de pessoas, os Normandos, os Franceses, os Bretões, os Saxões, os Pictos e os Escoceses. Desses, os Bretões ocuparam a terra de mar a mar, antes dos outros chegarem. A vingança de Deus caiu sobre eles e, por conta de sua arrogância, foram submetidos aos Pictos e Saxões. Agora me resta *contar* como eles chegaram e de onde, o que *ficará claro* no que se segue. (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 54, grifos nossos)¹¹

Nesse trecho, destacam-se as palavras “contar” e “clarificar [ficar claro]”. Portanto, a história, para Geoffrey, conta, ou melhor, deixa claro algo que não havia sido contado ou esclarecido anteriormente. Segundo Gabrielle Spiegel, para a historiografia medieval, o texto histórico era visto como uma transparência, por meio da qual o leitor vislumbrava o passado de forma vívida, como ele havia sido. Ainda na concepção da autora, essa categorização da historiografia medieval como transparência faz com que entendamos melhor o papel dos mitos e fabulações inseridos em uma narrativa histórica, pois o historiador medieval se via, não como um autor, mas sim como um transmissor ou até um compilador de obras passadas. Com isso o historiador medieval se tornava, nas palavras da autora, um

¹¹ No latim: *Postremo quinque inhabitatur populis: Normannis uidelicet atque Britannis, Saxonibus, Pictis et Scotis. Ex quibus Britones olim ante ceteros a mari usque ad mare insederunt donec ultione diuina propter ipsorum superueniente superbiam Pictis et Saxonibus cesserunt. Qualiter uero et unde applicuerunt restat nunc parare ut in subsequenti explicabitur.* WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 45.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

escravo de seus documentos, transmitindo, inclusive, os erros contidos neles (SPIEGEL, 1983, p. 44-45).

A categoria de “transparência” pode ser atribuída, nesse sentido, à *Historia Regum Britanniae* Geoffrey inicia sua dedicatória apagando sua autoria, apresentando o que viria a ser narrado como uma tradução de um livro antigo:

Num momento em que eu estava dedicando bastante atenção a tais assuntos, Walter, Arquidiácono de Oxford, um homem habilidoso na arte da oratória e bem-informado sobre a *história* de países estrangeiros, presenteou-me com um certo *livro muito antigo* escrito na língua britânica. (...) A pedido de Walter, fiz o esforço de *traduzir o livro para o latim*, embora, de fato, eu tenha me contentado com minhas próprias expressões e meu estilo simples, sem colher flores de linguagem enfeitadas nos jardins alheios. Se tivesse adornado minha página com figuras retóricas elevadas, teria entediado meus leitores, pois eles teriam sido obrigados a gastar mais tempo descobrindo o significado de minhas palavras do que acompanhando a história. (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 51)¹²

Com Geoffrey se colocando apenas como um tradutor de um livro antigo escrito em uma língua desconhecida, há uma legitimação para a narrativa histórica da *Historia Regum Britanniae*. Fica implícito que a “história” não seria algo inventado ou interpretado, mas sim, algo a ser desvelado, ou, nos termos do próprio autor, “traduzido”.

¹² No latim: *Talia michi et talibus multociens cogitanti opulit Walterus Oxinefordensis archidiaconus, uir in oratoria arte atque in exoticis historiis eruditus, quendam Britannici sermonis librum uetustissimum qui a Bruto primo rege Britonum usque ad Cadualadrum filium Caduallonis actus omnium continue et ex ordine perpulcris orationibus proponebat. Rogatu iataque illus ductus, tametsi infra alienos ortulos falerata uerba non collegerim, agresti tamen stilo propriisque calamis contentus codicem illum in Latinum sermonem transferre curauit. Nam si ampullosis dictionibus paginam illinissem, tedium legentibus ingerem, dum maigs in exponendis uerbis quam in historia intelligenda ipsos commorari oporteret.* WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 1.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

Portanto, o conceito de “história” se encontra, na obra, com a noção de deixar claro algo que ainda não está, e principalmente, traduzir para a linguagem do presente algo do passado até então pouco conhecido. Rebecca Thomas sugere que esse uso do *topos* retórico de traduzir um livro muito antigo, além de conferir autoridade à *Historia*, mostra que Geoffrey, apesar de uma abordagem original do passado Bretão, operava em diálogo com uma tradição mais antiga do que ele, como podemos ver também pelas menções e referências constantes a Gildas e Beda (THOMAS, 2020, p. 116).

No último parágrafo da *Historia*, Geoffrey retoma o *topos* do livro antigo e se insere dentro de um panorama maior de historiadores anglo-normandos:

A tarefa de *descrever* os reis que, a partir daquele momento, sucederam-se no País de Gales, deixo ao meu contemporâneo Caradoc de Llancarfan. Os reis dos saxões, deixo a William de Malmesbury e Henry de Huntingdon. Recomendo a estes últimos que nada digam sobre os reis dos britânicos, visto que eles não possuem o *livro em língua britânica* que Walter, Arquidiácono de Oxford, trouxe do País de Gales. Foi **esse livro** que me empenhei em *traduzir* para o latim desta maneira, pois foi composto com grande *precisão* sobre os *feitos* desses *príncipes* e sua *honra*. (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 284, grifos nossos)¹³

¹³ No latim: *Reges autem eorum qui ab illo tempore in Gualii successerunt Karadoco Lancarbanensi contemporaneo meo in materia scribendi permitto, reges uero Saxonum Willelmo Malmesberiensis et Henrico Huntendonensi; quos de regibus Britonum tacere iubeo cum non habeant librum istum Britannici sermonis quem Gualterus Oxenefordensis archidiaconus ex Britannia aduexit, quem de hystoria eorum ueraciter editum in honore predictorum principum hoc modo in Latinum sermonem transferre curam.* WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 147.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

Aqui, o livro antigo aparece não apenas como fonte da narrativa da *Historia*, mas também como uma fonte precisa, ou seja, por meio da qual, e conseqüentemente também da crônica de Geoffrey, seria possível vislumbrar o passado com clareza. Geoffrey adverte outros cronistas a não se aventurarem a contar a história da Bretanha, pois, como estes não têm acesso ao livro, não contariam com a necessária precisão¹⁴. Essa afirmação, além de conferir ainda mais legitimidade e credibilidade à narrativa de Geoffrey, faz com que se crie uma nova tradição, já que todos que possuem a intenção de escrever a história da Bretanha deveriam recorrer à *Historia Regum Britanniae*, que seria a única tradução deste livro.

A “história”, para Geoffrey, possui portanto um escopo temporal e espacial muito bem delimitado: ela cobria do tempo de Brutus até o dos Anglo-Saxões, mas abarcava apenas a Ilha da Bretanha, com foco no povo bretão que nela habitava. A “história” também não era inventada, nem fruto de análise ou interpretação, mas sim a clarificação de acontecimentos do passado antes velados. A “história” seria, assim, uma descrição, bem como um objetivo e uma pretensão: contar, de forma descritiva, os feitos dos reis e assim glorificá-los e louvá-los.

¹⁴ No latim: Cum mecum multa et de multis sepius animo reuoluens in hystoriam regum Britannie incidere, in mirum contuli quod infra mentionem quam de eis Gildas et Beda luculento tractatu fecerant nichil de regibus qui ante incarnationem Christi inhabitauerant, nichil etiam de Arturo ceterisque compluribus qui post incarnationem successerunt repperissem, cum et gesta eorum digna eternitate laudis constarent et a multis populis quasi inscripta iocunde et memoriter predicarent. WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 1.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

***Ea enim conditione mouentur mortales*¹⁵: espaços de experiência e horizontes de expectativa**

No conceito de “história” presente na *Historia Regum Britanniae* são mobilizadas três temporalidades simultaneamente: o passado, no qual ocorreram os acontecimentos narrados, o presente afetado por esses acontecimentos e guiado por eles, e o futuro, que opera no campo das expectativas e expresso através de profecias. Destrinchamos, até aqui, a forma com que o passado é articulado através do conceito de “história” mobilizado por Geoffrey. Nosso foco, na presente seção, será apresentar a forma com que o presente e o futuro também estão imbricados em sua conceitualização.

Como vimos, Geoffrey escreve sua *Historia* em um período muito específico da história medieval inglesa, a Guerra Civil. Sua lealdade está expressa na dedicatória feita a Robert, conde de Gloucester:

Peço-lhe, Robert, Conde de Gloucester, que conceda este favor ao meu pequeno livro. Que ele seja emendado por seu conhecimento e conselho, para que não seja mais considerado como um produto do pequeno talento de Geoffrey de Monmouth. Pelo contrário, com o apoio de sua sagacidade e sabedoria, que ele seja aceito como obra de alguém descendente de Henrique, o famoso Rei dos Ingleses; de alguém que a aprendizagem cultivou nas artes liberais e cujo talento inato em assuntos militares colocou à frente de nossos soldados, de modo que agora, em nossa própria época, a ilha da Bretanha o saúda com sincero afeto, como se lhe tivesse sido concedido um segundo Henrique. (GEOFFREY OF MONMOUTH, 1966, p. 52)¹⁶

¹⁵ **Tradução nossa:** Pois é sob essa condição que os mortais são movidos.

¹⁶ Não foi inserido o trecho original em latim, pois no manuscrito de Bern só há dedicatória para Stephen.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

Para além de uma afirmação de lealdade, é preciso considerar o lugar da escrita da *Historia*. Geoffrey era um clérigo que via em Robert alguém digno para dedicar sua obra, conferindo ainda, nesta dedicatória, o *topos* da continuidade ao traçar a linhagem contínua de reis da Bretanha e enfatizar o conde como descendente de Henrique I. Porém, ao inserir uma segunda dedicatória, em manuscritos posteriores, para o rei Stephen, antagonista de Robert na guerra-civil, Geoffrey se mostra atento às questões pragmáticas e latentes do seu lugar de historiador (DUMVILLE, 1990, p. 20).

A dedicatória nos dá um vislumbre de como Geoffrey escrevia sobre o passado tendo em mente os problemas vistos no presente. Outro ponto a ser considerado neste diálogo entre passado e presente da “história” é a construção, estabelecida pelo autor, de um ideal de monarca a ser seguido a partir dos personagens da narrativa da *Historia*. Segundo John Gillingham, a fundação de cidades, a construção de estradas, o encorajamento da agricultura e a promulgação de leis, eram atividades associadas a um bom rei (GILLINGHAM, 2000, p. 30). Para além dessas características, os feitos militares dos bons reis também são colocados em evidência, evidenciado em trechos como:

Nenhum homem foi mais feroz do que Arviragus na guerra e nenhum foi mais gentil em tempos de paz. Ninguém era mais agradável de se estar ou mais generoso na distribuição de presentes. Quando chegou ao fim de seus dias, ele foi sepultado em Gloucester, no próprio templo que havia dedicado em honra a Cláudio. (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 123)¹⁷

¹⁷ No latim: *Nullus in bello ferocior illi fuit, nullus in pace mitior, nullus icosior, nullus in dandis muneribus profusior. At ut dies uite sue expleuit, sepultus est Claudiocestrie in quodam templo quod in honorem Claudii diauerat.* WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 45.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

E, ao contrário, ao falar de um mau exemplo de rei:

Todo o reino estava sob seu controle, e Constante, que era chamado de rei, permanecia ali como uma mera sombra de líder. Para seus próprios súditos, ele parecia um homem totalmente desprovido de severidade e autoridade judicial, não inspirando temor nos povos vizinhos. (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 152)¹⁸

A narrativa da *Historia* estava imbuída de um sentido, como vimos, laudatório e exemplar. Em consequência disso, a partir destes, assim como de outros trechos recorrentes sobre a função monárquica, o cronista estabelece qual eram os espaços de experiência da monarquia e, por conseguinte, quais seriam seus horizontes de expectativa. Para Koselleck, “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” são categorias que fundamentam a possibilidade de uma história, uma vez que todas as histórias seriam constituídas pelas experiências vividas e expectativas das pessoas que atuam e que sofrem (KOSELLECK, 2006, p. 306). Portanto, ao estabelecer com base nos feitos dos reis do passado, categorias que os classificam como bons ou maus monarcas, Geoffrey pautava, igualmente, o que era esperado ou desejado para os monarcas de seu tempo. Nesse sentido, podemos perceber que o conceito de “história” para Geoffrey não abarca apenas o passado, mas também reforça comportamentos tidos como positivos e negativos no presente.

Por fim, esse conceito mobiliza também o futuro através das profecias. Estas são trazidas à tona durante toda a *Historia*, e tudo que é profetizado nelas se realiza ao longo da narrativa. Por exemplo, como

¹⁸ No latim: *Totum nanque dispositioni eius regnum commissum fuerat; nec Constans qui rex dicebatur nisi pro umbra principis astabat. Nullius enim asperitatis, nullius iustice fuerat nec a populo suo nec a uicinis gentibus timebatur.* WRIGHT, Neil (ed.). **The Historia Regum Britanniae**: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, p. 63.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

mencionado, ao chegar na Gália, Brutus vai ao Oráculo de Diana, onde a deusa profetiza que ele deve ir para a ilha da Bretanha, na qual formaria uma segunda Tróia e constituiria uma linhagem de reis com domínio sobre todo o mundo (GEOFFREY DE MONMOUTH, 1966, p. 65). A chegada de Brutus na ilha acontece nas páginas seguintes.

Porém, no caso das profecias de Merlin, ocorre uma dinâmica diferente. As profecias são enigmáticas, mas é possível identificar algumas metáforas referentes a acontecimentos das páginas seguintes, como, por exemplo, a luta do dragão vermelho dos saxões com o dragão branco dos bretões, que simboliza a guerra desses povos e que acontece logo após as profecias. Porém, outros trechos dessas profecias não possuem identificação direta na *Historia*, abrindo margem para interpretação de que elas previam acontecimentos futuros. A “história” de Geoffrey, é, portanto, teleológica. Toda a narrativa da *Historia Regum Britanniae* se dá de forma cíclica de ascensão e queda de reis, porém, com as profecias, há um ponto de chegada da “história” para além do que Geoffrey escreveu. Por conseguinte, passado e presente na “história” de Geoffrey caminham para a continuação desse ciclo e, portanto, para a realização de um destino que já está escrito nas profecias de Merlin.

Conclusão

Através desse exercício de história conceitual, procuramos entender, por meio dos termos utilizados pelo próprio cronista, o que Geoffrey de Monmouth entende por “história” em sua *Historia Regum Britanniae*. Mais importante do que avaliar, a partir de referenciais de objetividade modernos, se a obra pode ou não ser considerada uma narrativa



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

historiográfica, é compreender o que aquela sociedade e, de forma mais específica, Geoffrey de Monmouth, entendia por esse conceito. A partir dessa perspectiva, a presença de mitos e profecias não desqualifica a escrita histórica deste autor, mas apenas a contextualiza em um determinado tempo e espaço, no qual esses elementos possuíam centralidade para delimitar o espaço de experiência e horizonte de expectativa de determinada linhagem política.

Ao refletirmos sobre o conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae*, percebemos que ele não designa uma mera narrativa sobre o passado que se torna inverídica pela inserção de mitos e profecias, mas sim, algo que mobiliza visões de mundo, opiniões políticas e expectativas acerca do futuro.

O conceito de “história” para Geoffrey possui uma delimitação temporal determinada e uma escolha arbitrária, porém bastante reveladora dos objetos escolhidos. Eram apenas alguns indivíduos, em especial os monarcas britânicos, que compunham sua “história”, bem como apenas algumas temáticas, em especial as de ordem política e militar, eram consideradas. Isso revela que, por mais que sua “história” tratasse do passado, Geoffrey demonstrava ser muito atento às demandas de seu presente marcado por dúvidas com relação à sucessão monárquica. Ademais, ao entendermos “história” como a narrativa do passado buscando o que poderia servir de lições para o presente, percebemos ainda mais o forte diálogo que a narrativa de Geoffrey sobre o passado influencia, ao mesmo tempo que é influenciada pelos acontecimentos de seu presente.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

O momento de incerteza a partir do qual Geoffrey escreveu, de eclosão de uma guerra civil e de questionamento em relação a lealdades e legitimidades políticas, marca sua obra ao criar uma maior necessidade de refletir também sobre o presente e o futuro. Portanto, não podemos falar de “história” para Geoffrey sem considerarmos as múltiplas temporalidades que esse conceito mobiliza nesta obra: a criação de um passado legítimo, respostas para as tensões do presente e o estabelecimento de expectativas em relação ao futuro.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

REFERÊNCIAS

Fontes

THORPE, Lewis (ed.). Geoffrey of Monmouth: The History of the Kings of Britain. Londres: Penguin Books, 1966.

WRIGHT, Neil (ed.). The Historia Regum Britanniae: bern, burgerbibliothek, ms. 568. Cambridge: D.S. Brewer, s.a.

Bibliografia

BRADBURY, Jim. Stephen and Matilda: The Civil War of 1139-53. Revised ed. Stroud: The History Press, 2005.

CRICK, Julia C.. Historia Regum Britannie of Geoffrey of Monmouth IV: Dissemination and Reception in the Later Middle Ages. Nova York: D.s.Brewer, 1991.

CRICK, Julia C. The Historia Regum Britanniae of Geoffrey of Monmouth: A Summary Catalog of the Manuscripts. Suffolk: D.S. Brewer, 1989.

DUMVILLE, David. Histories and pseudo-histories of the insular Middle Ages. Londres: Routledge, 1990.

ENGELS, Odilo. Compreensão do conceito na Idade Média. In: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. O Conceito de História. Tradução: René E. Gertz. São Paulo: Autêntica, 2013, p.63-83.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. História conceitual no Atlântico ibérico: linguagens, tempos, revoluções. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/PUCRJ, 2023.

GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário analítico do Ocidente medieval. São Paulo: Editora Unesp, 2017, vol.2.

GILLINGHAM, John. The context and purposes of Geoffrey of Monmouth's History of the Kings of Britain. In: GILLINGHAM, John. The English in the Twelfth Century: imperialism, national identity and political values. Nova York: Boydell & Brewer, 2000. p. 19-41.



O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (século XII)

Beatriz Cristine Honrado

GOETZ, Hans-Werner. The Concept of Time in the Historiography of the Eleventh and Twelfth Centuries. In: ALTHOFF, Gerd; FRIED, Johannes; GEARY, Patrick J. (ed.). *Medieval Concepts of the Past*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 139-166.

GRANSDEN, Antonia. *Historical Writing in England 550 - 1307*. Londres: Routledge, 1975.

GUENÉE, Bernard. História. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário analítico do Ocidente medieval*. São Paulo: Editora Unesp, 2017, vol.2.

INGHAM, Patricia Clare. *Sovereign Fantasies: Arthurian Romance and the Making of Britain*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001.

INGLEDEW, Francis. The Book of Troy and the Genealogical Construction of History: the case of Geoffrey of Monmouth's *historia regum britanniae*. *Speculum*, [S.L.], v. 69, n. 3, p. 665-704, jul. 1994. University of Chicago Press.

KERSKEN, Norbert. High and Late Medieval National Historiography. In: DELIYANNIS, Deborah (ed.). *Historiography in the Middle Ages*. Nova York: Brill, 2003. p. 181-215.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Revista Estudos Históricos*, [s. l.], v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SEVILLA, Isidoro de. *Etimologías*. Ed. bilíngüe. Texto latino, versión española y notas por Jose Oroz Reta y Manuel-A. Marcos Casquero. Introd. general por Manuel C. Díez y Díaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

SNYDER, Christopher A.. Arthur and Kingship in the *Historia Brittonum*. In: LACY, Norris J. (ed.). *The Fortunes of King Arthur*. Nova York: D.s.Brewer, 2005. p. 1-12.

SPIEGEL, Gabrielle M. Political Utility in Medieval Historiography: A Sketch. *History and Theory*, v. 14, n. 3, p. 314-325, 1975.



**O conceito de “história” na *Historia Regum Britanniae* de
Geoffrey de Monmouth (século XII)**

Beatriz Cristine Honrado

SPIEGEL, Gabrielle M. Genealogy: form and function in medieval historical narrative. *History And Theory*, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 43, fev. 1983.

SPIEGEL, Gabrielle. *The Past as Text*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.

TATLOCK, J.s.. *The Legendary History of Britain*. Berkeley: University Of California Press, 1950.

THOMAS, Rebecca. Geoffrey of Monmouth and the English Past. In: SMITH, Joshua Byron; HENLEY, Georgia (ed.). *A Companion to Geoffrey of Monmouth*. Nova York: Brill, 2020. p. 105-128.

WEST, Charles. Dynastic Historical Writing. In: FOOT, Sarah; ROBINSON, Chase F.. *The Oxford History of Historical Writing: 400-1400*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 496-517.